

O Papel da Mãe nas Relações Incestogênicas

Daniella O. Pedra

Universidade Severino Sombra, Centro de Ciências da Saúde,
Aluna do Curso de Psicologia
daniellapedra@yahoo.com.br

Marcella S. P. L. Baptista

Universidade Severino Sombra, Centro de Ciências da Saúde,
Aluna do Curso de Psicologia
marcellasayao@hotmail.com.

Arnaldo Risman

Universidade Severino Sombra, Centro de Ciências da Saúde,
Prof. do Curso de Psicologia,
arnaldo_risman@hotmail.com

Resumo: *O abuso sexual intrafamiliar é tão antigo quanto à própria humanidade, mas apenas há algumas décadas ele vem recebendo uma atenção maior. A sociedade, de certa forma, ainda não acredita que na família, considerada por muitos como um verdadeiro santuário, possa ocorrer esse tipo de violência contra a criança e o adolescente. O propósito do presente trabalho é conceituar o abuso sexual, mostrar as conseqüências psicológicas para as vítimas que sofrem esse tipo de violência, mostrar como é a rede de apoio e proteção as crianças e adolescentes, a importância da prevenção, e principalmente as reações maternas diante da suspeita e constatação do abuso sexual contra seus filhos e de que maneira elas vivenciam esse processo.*

Palavras-chaves: *abuso sexual. Mães. Incestogênicas*

The Role of Mother in Relationships Incest

Abstract: *The intra familial sexual abuse is as old as humanity itself, but only a few decades he has been receiving greater attention. Society, in a way, still does not believe in family, regarded by many as a sanctuary, may occur such violence against children and adolescents. The purpose of this paper is to conceptualize sexual abuse, show the psychological consequences for victims who suffer such violence to show how the network is to support and protect children and adolescents, the importance of prevention, and especially the mother's reactions before suspicion and the finding of sexual abuse against their children and how they have gone through this process.*

Keywords: *Sexual abuse. Mothers. Incest.*

Introdução

O abuso sexual é considerado um problema de saúde pública, devido ao crescente número de casos cometidos contra crianças e adolescentes. Não é um assunto exclusivo dessa geração, muito pelo contrário, o abuso sexual é quase tão antigo quanto a própria humanidade, mas só há algumas décadas ele ganhou uma notoriedade maior.

A violência sexual intrafamiliar é um assunto polêmico, que viola um tabu universal: o incesto, só que ele está cada vez mais presente nas famílias, incluindo todas as classes sociais, cor, raça ou fator econômico.

Os abusadores, na maioria das vezes, estão dentro da própria casa da criança ou do adolescente, ou seja, o abuso é praticado por pessoas que assumiram a responsabilidade pelos cuidados e que gozam da confiança das crianças e dos adolescentes. A família que teria como dever principal proporcionar a seus membros proteção e carinho, auxiliando-os no seu desenvolvimento, acaba por exercer um papel contrário, oferecendo violência e fazendo prevalecer o domínio e o poder do mais forte sobre o mais fraco, gerando na vítima um sentimento de traição muito grande.

Baseado em alguns estudos, o pai aparece como o principal perpetuador do abuso sexual, por isso, muito se lê sobre o pai que abuso de seus filhos, e principalmente sobre a vitimização da criança ou do adolescente que sofre esse tipo de violência. Porém, existe uma face um pouco mais esquecida do abuso sexual intrafamiliar: a mãe da vítima.

A mulher vem conquistando um espaço cada vez maior no mercado de trabalho e isso faz com quem ela passe menos tempo em casa e com os filhos, o que para alguns estudiosos pode ser um dos motivos para o crescente número de casos de abuso sexual intrafamiliar.

As mães se encontram tão envolvidos no abuso sexual quanto a própria vítima e o abusador. Algumas se colocam ao lado dos filhos denunciando o agressor que muitas vezes são seus companheiros, outras preferem “fechar os olhos” diante dos fatos, por vários motivos, mas principalmente por não suportarem o fim de uma falsa estrutura familiar ou pela dependência financeira de seus companheiros. Outras mães podem ainda sentir raiva em relação ao filho, ou ter dúvida quanto ao seu relato. É importante considerar que muitas mães que vivenciam esse conflito com seus filhos, também podem ter sofrido algum tipo de violência sexual na infância, perpetuando uma espécie de ciclo de violência.

As conseqüências psicológicas para as crianças que sofrem esse tipo de violência são sérias, graves e podem persistir durante toda a vida. É considerado de grande importância para as crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual intrafamiliar que as mães lhes dêem apoio e acreditem nos seus relatos, mas isso nem sempre acontece. Após a revelação do abuso, as mães podem experimentar vários sentimentos ambivalentes.

Embora seja difícil encontrar na literatura sobre abuso sexual, a mãe como perpetuadora desse tipo de violência, é importante ressaltar que o abuso sexual cometido por mulheres também existe e é bem mais comum do que se possa imaginar.

O Judiciário prevê formas de proteção à criança e ao adolescente vítimas desse tipo de violência. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, é função dos pais cuidar dos filhos e garantir que eles não sejam objetos de nenhuma forma de violência que impeça seu

pleno e normal desenvolvimento e crescimento, só que isso nem sempre acontece. Para esses direitos serem colocados na prática é necessário comunicar aos órgãos competentes os casos de abuso sexual, porém não é fácil derrubar o muro de silêncio que cerca a violência familiar.

O objetivo do presente trabalho é mostrar o complô de silêncio que envolve o abuso sexual intrafamiliar, as desastrosas conseqüências para o desenvolvimento de crianças e adolescentes vítimas dessa violência e principalmente falar sobre as reações maternas frente á difícil revelação do abuso sexual contra seus filhos.

As reações maternas diante do abuso sexual

Para tentar compreender quem são as mães das vítimas de abuso sexual intrafamiliar, é importante conhecer a história de vida dessas mulheres. Geralmente são mulheres com trajetórias de vida marcadas por violência, abandono e carências afetivas. Essas mulheres geralmente apresentam medo, dependência afetiva e financeira de seus companheiros. Foram submissas às ordens da família de origem, reproduzindo esse comportamento na sua nova família (Amendola, 2004).

Muitas mães de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual também sofreram violência sexual na infância, acabando por escolher homens com a sexualidade comprometida como seus companheiros. Diante disso, tem sido freqüente essas mães manterem uma relação cúmplice e silenciosa com seus parceiros, sendo coniventes e muitas vezes omissas diante do abuso sexual cometido contra seus filhos. Ao estarem comprometidas a violência que sofreram na infância, acabam favorecendo o abuso com seu filho e determinando uma possível repetição capaz de configurar um fenômeno que ultrapasse gerações (Prado, 2004).

Na maioria dos casos a mãe se torna permissiva diante do incesto cometido pelo pai, muitas vezes por ela ter sofrido privação na infância, fazendo com que esta mãe se torne incapaz de mostrar sentimento de afeto e amor por seu marido e filhos. Há muitos casos em que essas mães também podem ter sido abusadas quando criança, e recusa-se a falar do assunto. Em alguns casos sua relação negativa com o marido de frigeidez e hostilidade, resulta em desgaste conjugal, com pouco envolvimento sexual, aceitando assim, a inversão de papéis com sua filha, qual assume a responsabilidade e privilégios da “mulher da casa”, que seria o papel desta mãe (Silva, 1998)

As mães sexualmente abusadas entram facilmente em um círculo vicioso de evitação. Elas não conseguem lidar como mães com o abuso sexual da filha porque ele as faz lembrar de seu próprio abuso, e não conseguem lidar como mulheres com sua própria vitimização porque tem de enfrentar o fato de que um sofrimento semelhante foi infligido à sua filha (Furniss, 1993, pg.323)

Inúmeras mulheres acabam deixando seus valores de lado, mentindo muitas vezes á força, ou ocultando atividades ilegais de seus companheiros. Mas o sofrimento maior ocorre quando a coação chega ao extremo de sacrificar os filhos. Há mulheres que, apesar de não fazerem nada para se defender, protegem a todo custo seus filhos. Outras, porém,

sentem tanto medo de seus companheiros que não ousam intervir, nem se quer quando são testemunhas presentes de atos abusivos contra seus filhos (Ferrari, 2002).

A mãe da criança ou do adolescente vítima de incesto, encontra-se tão envolvida nessa situação tanto quanto quem pratica o abuso, como quem sofre, podendo vivenciar o a violência sexual como vítima, como testemunha ou autora. Na maioria dos casos, não é comum a mãe ser identificada como abusadora, mas geralmente a pessoa para quem a vítima revela o abuso. Isso, porém não significa que exista o abuso sexual cometido pela mãe, ele é apenas menos freqüente e/ou pouco revelado (De Antoni & Koller, 2002).

A mãe freqüentemente instigadora passiva da ação incestuosa que ocorre em casa, as suas costas, será designada investigadora. Felizmente, para os filhos, ela pode, algumas vezes, tomar imediatamente a sua defesa e não hesitar em se opor ao pai para prestar queixa (Gabel, 1997, pg. 27).

Forward e Buck (1989) definem a mãe como uma cúmplice silenciosa da violência quando ela se mantém calada diante dos sinais de abuso sexual contra sua filha. Destacaram que na família incestuosa existe um abandono emocional muito grande, que acaba resultando na troca de papéis entre mãe e filha. Segundo os autores, a mãe pode ser também uma pessoa ativamente envolvida no abuso. Isso acontece quando a figura materna é dependente de seu companheiro e tem um comportamento hostil em relação á filha. È importante, no entanto, considerar que algumas mães são forçadas a participar do abuso, através de ameaças de abandono e violência por parte de seus companheiros.

Amendola, em seus estudos realizados em 2004, criou o termo “mães protetoras” para definir um comportamento específico de mães de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual, necessitam de acolhimento e orientação. Culpam-se pela violência a que seus filhos foram submetidos e choram muito – “são as mães que choram”. Em relação ás mães que não aceitam se separar dos companheiros e não dão assistência aos filhos vítimas de abuso sexual, são definidas como “mães não protetoras”.

Jonzon e Lindbland (2004) identificaram as reações maternas diante da revelação do abuso e classificaram como reações positivas, negativas e neutras. As reações positivas foram caracterizadas por: sentimentos de raiva em relação ao perpetrador e pena e tristeza em relação à vítima; atitudes de empatia, como sensibilidade para escutar, calma e aceitação; atitudes de credibilidade no relato da vítima; atitudes ativas durante o relato, como encorajar a vítima a falar, oferecer ajuda e apoio; e por ações como confrontar o abusador, fazer parar o abuso ou afastar o abusador. As reações negativas foram caracterizadas por: sentimentos de raiva em relação à vítima e curiosidade sexual; atitudes evitativas, como não querer escutar, incompreensão e insensibilidade; atitudes de dúvida quanto ao relato da vítima; atitudes ativas durante o relato, como aconselhar a vítima a não contar, não oferecer ajuda e apoio, minimizar o abuso; e por ações como abandono ou não manter contato com a vítima. As reações neutras foram identificadas por respostas emocionais e atitudes de indiferença ou, ainda, por ambivalência quanto ao relato de abuso sexual. (Apud Silva, 1998).

A mãe tem um papel importante no abuso sexual, entre pai e filho, pois, muitas se sentem culpadas, por não acreditar no relato da criança ou adolescente e tão pouco por não ter conseguido protegê-los do homem que escolheu para ser o pai da família.(Azevedo, 2001). O fato de muitas mães não acreditarem ou mesmo punirem seus filhos pelo abuso sexual, que sofreram pode ser visto como uma forma de tentar manter a unidade familiar. A negação das mães pode denunciar uma postura de cumplicidade silenciosa com abusador, freqüentemente encontrada em casais com dificuldades no relacionamento sexual. (Araújo, 2002)

Estudos apontam que essas mães vivem uma situação de confusão e ambigüidade muito grande, diante violência sexual a qual seus filhos foram submetidos, sendo que, muitas vezes, preferem “fechar seus olhos” ao que está sendo explicitado (Amendola, 2004). Os sentimentos em relação á filha tornam-se muito ambivalentes, ao mesmo tempo sentem raiva e ciúmes, e sentem-se culpadas por não conseguir protegê-los (Araújo, 2002).

Diante do abuso sexual, é importante que a mãe confie no relato da criança, á proteja, diminuindo assim o sofrimento da mesma. Mas com todas as mudanças sociais nos últimos anos, a mãe acaba passando menos tempo em casa, o que de certa forma, acaba favorecendo o abuso sexual (Silva, 1998).

A mãe algumas vezes sente-se culpada por ter permitido a aproximação do abusador, outras vezes cala-se por ser dependente financeira ou emocionalmente do companheiro e em alguns casos chega até a considerar a filha uma rival, responsabilizando-a pelo abuso sexual (Gonçalves & Machado, 2002).

O sentimento da vítima torna-se bastante ambivalente: sente-se culpada, pois, de um modo geral, a mãe a responsabiliza pelo esfacelamento da família, ou é acusada de ter provocado o abuso. Essa é a forma que a genitora encontra de livrar-se da culpa por não ter entendido o que estava acontecendo. É mais fácil culpar a filha (Dias, 2006,pg.2).

Confirmar o abuso sexual cometido contra a criança e o adolescente, principalmente dentro da sua casa, leva muito tempo por vários motivos: as ameaças do abusador; a diminuição da renda familiar quando o abusador é afastado ou quando ele é preso; a mãe passa a sofrer críticas de pessoas da sua família ou da família do seu companheiro; os profissionais, freqüentemente adotam uma postura de dúvida em relação à violência. Em alguns casos a denúncia não chega nem a ser feita porque a mulher acha que assim confessará publicamente o seu fracasso como mãe (Haas, 2004).

Em muitos casos de abuso sexual, principalmente nas classes mais altas, as mães preferem se separar de seus companheiros ao invés de denunciá-los, sendo que em relação ao filho abusado procuram tratamento profissional adequado (Haas, 2004).

Entre as principais características de personalidade das mães de vítimas de violência sexual intrafamiliar, estão presentes: permissão para outros tomarem a maioria das importantes decisões, subordinação de suas necessidades às dos outros, relutância em fazer exigências às pessoas das quais dependem, medo exagerado da solidão e de ser abandonada, capacidade limitada de tomar decisões e percepção de desamparo e de

incompetência. Essas características sugerem uma dependência emocional evidenciada pela necessidade de estar ligada a determinada pessoa. Assim, algumas situações de violência, como conviver com companheiros agressivos ou abusivos, podem ser toleradas por anos tendo em vista a necessidade de manter essa ligação (Amendola, 2004).

Segundo Amendola (2004), mães de crianças que foram abusadas sexualmente por membros de sua própria família, podem se apresentar dependentes, deprimidas, ou ainda, manifestar Transtorno de Estresse Pós-Traumático. Essa reposta pode ocorrer de forma aguda ou crônica frente à situação de testemunhar ou ser informada sobre o abuso sexual de suas crianças. Entre os sintomas típicos que podem se manifestar, destaca-se: a revivência da situação traumática, a sensação de entorpecimento, o medo e a evitação de atividades que recordem essa experiência. Mães que sofreram abuso sexual na infância podem reagir como maior sofrimento ao abuso de suas crianças, tendo em vista sentimentos de culpa, vergonha e baixa-estima.

Fora dos Bastidores: O Incesto Materno

Abusar sexualmente de crianças e adolescentes não é um atributo exclusivo do sexo masculino. Mulheres também podem assumir o papel de abusador (Cordeiro, 2006).

O abuso sexual praticado por mulheres é um tabu. A sociedade ainda não acredita que a mulher possa ser capaz de cometer abuso sexual contra crianças ou adolescentes. Muito disso, se deve a concepção de que a maternidade é parte inerente ao ciclo evolutivo feminino e neste sentido supõe-se que a mulher, por ser quem gera filhos, desenvolve um amor inato pelas crianças e fica sendo a melhor pessoa para cuidar delas. Mesmo com todas as modificações culturais e com a independência que a mulher vem conquistando no mercado de trabalho, a maternidade ainda aparece ainda em primeiro plano. Dessa forma, a sociedade não acredita que uma mulher, no papel de cuidadora de crianças, possa ser capaz de cometer tal ato (Wagner & Falcke, 2002).

Por ser praticado no silêncio do lar, o incesto é um crime que todos escondem, parece ser um fato sobre o qual ninguém pode falar, nem discutir. É um crime que a sociedade insiste em não ver, pois ninguém acredita existir (Dias, 2006, pg. 2).

Para ilustrar a falta de credibilidade dada à violência sexual cometida por mulheres pode citar um caso noticiado na mídia televisiva e escrita em 25/04/2010, com grande repercussão em todo o país, em que uma babá, não só agride um bebê de apenas sete meses de idade, com também comete o abuso sexual. Nas cenas registradas por uma câmera instalada na casa pelos pais da criança, a babá aparece bolinando o bebê (Rede Record, 2010).

O incesto materno não é um tipo de violência comum no meio social, mas é praticado por algumas mulheres. A mãe é a primeira pessoa a ter um contato com a criança, em razão disso, nenhum outro membro da família levanta suspeita sobre essa mãe de qualquer ato abusivo, o que coloca em risco o desenvolvimento afetivo e sexual dessa criança (Azevedo, 2001).

Os casos de abuso sexual materno dificilmente são descobertos ou chegam a ser denunciados. O pai e os demais membros da família não acreditam que a mãe possa ser capaz de cometer tal ato. Quando se trata de um filho adolescente, muitos pais acreditam que os contatos sexuais tenham relação com a masculinidade do filho. Os principais tipos de abuso materno são: esfregar a genitália dos filhos no banho mais que o necessário, introduzir os dedos ou objetos nos órgão genitais, fornecer imagens com pornografia ou ainda, a prostituição infantil (Haas, 2004).

Raramente, a mãe está envolvida como perpetradora do abuso sexual, mas ela tem sido freqüentemente descrita por alguns autores como conivente e propiciadora da relação sexual entre pai-filho. Dessa forma, mesmo que a mãe não concorde com o incesto, ela é vista como responsável por não ter feito nada que impedisse a sua continuação (Silva, 1998).

A sociedade é culturalmente machista, ou seja, tende a colocar a culpa pela violência sexual na figura materna, considerando-a como fraca e incapaz na tarefa de proteger os filhos. Se a mãe se mantém calada ou indiferente em relação á vitimização dos filhos é acusada de cúmplice do abusador (Ministério Público, 2006).

Conclusão

Com base em todos os estudos realizados, foi possível concluir que o abuso sexual é uma negação ao direito que toda criança ou adolescente possui de ser tratado como sujeito, principalmente quando essa violência ocorre dentro da família.

O abuso sexual coloca em risco o desenvolvimento afetivo e sexual da criança e do adolescente. O ato sexual está relacionado culturalmente com o carinho e com o amor, e a criança acaba sendo vítima desse ato como uma forma de violência. Há então um sentimento de traição muito grande, já que tal ato foi cometido por alguém de confiança e objeto de amor por parte da criança ou do adolescente. As conseqüências do abuso sexual são desastrosas e podem acompanhar a vítima pelo resto da vida.

A violência sexual intrafamiliar é envolta por um silêncio muito grande. As vítimas têm medo de revelar a violência que sofreram, por vários motivos, mas principalmente por medo de destruírem uma estrutura familiar disfuncional, mas que muitas vezes é mantida pelo próprio incesto, principalmente nos casos em que o pai abusa da filha adolescente, e a vítima passa então a assumir o papel de esposa, sendo considerada pela mãe uma rival.

Quando a mãe não está diretamente envolvida no abuso sexual, ela está envolvida com a sua permissividade, ou com a sua indiferença em relação ao que acontece com seu(s) filho(s). Mas é preciso considerar que muitas vezes essas mães se calam com medo de perder seu companheiro, seja por serem dependentes afetiva ou financeiramente dos mesmos, ou por não acreditarem que o homem que ela escolheu para ser seu companheiro ou até mesmo pai dos seus filhos, seja capaz de cometer tal ato.

Muitas vezes, a mãe não consegue reconhecer o abuso sexual contra seus filhos por ter sido vítimas de abuso sexual na infância, escolhendo então, homens com características semelhantes á aquele que a violentou na infância, perpetuando um ciclo de violência. Muitas vezes essas mães se calam também com medo de que sejam apontadas pela

sociedade como culpadas por não proteger os filhos.

A mãe é geralmente a pessoa para quem o abuso sexual é revelado. E assim como algumas mães são acusadas de omissão por compactuar de alguma forma com a atitude do abusador, outras se posicionam contra seus companheiros e ao lado do (s) filho(s), chegando a denunciar o agressor e dar a vítima, no caso seu filho, apoio, escuta e proteção. É de extrema importância para a criança vítima de abuso sexual intrafamiliar que a mãe acredite no que ela diz e que tenha sentimentos de proteção em relação a ela, isso pode funcionar como um mediador nos inevitáveis impactos negativos causados pelo abuso sexual intrafamiliar.

É difícil para a sociedade, de um modo geral, acreditar que a mulher fértil, com a capacidade de cuidar de crianças seja capaz de cometer violência sexual. Embora na literatura tenha sido difícil encontrar material falando sobre o tema, a mulher pode sim ser abusadora. Os casos são apenas menos denunciados.

O Estatuto da criança e do adolescente prevê formas de proteção e apoio a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual, seja ele extra ou intrafamiliar. Mas para que essas medidas funcionem é preciso que haja denúncia, que os envolvidos e principalmente as vítimas quebrem o silêncio que cerca o abuso sexual e pensem nas crianças e adolescentes envolvidos como sujeito de direitos em pleno desenvolvimento.

O objetivo do presente trabalho não foi de julgar as reações maternas frente à difícil revelação do abuso sexual contra seus filhos, mas mostrar que a mãe não está apenas nos bastidores da violência sexual, ela está mais do que envolvida, seja permitindo ou protegendo sua prole e precisa de tratamento assim como a vítima e o abusador.

Referências

- Amendola MF. (2004) Mães que choram: avaliação psicodiagnóstica de mães de crianças vítimas de abuso sexual. São Paulo: Vetor.
- Prado MCCA. (Org.) (2004). O mosaico da violência: a perversão na vida cotidiana. São Paulo: Vetor.
- Silva ANN. (1998). Abuso sexual de crianças. PUC: Rio de Janeiro.
- Dias MB. (2010). Incesto: um pacto familiar de silêncio. Disponível em <http://www2.cjf.jus.br/ojs2/index.php/cej/article/viewFile/722/90>. Acesso 27 março.
- Furniss T. (1993). Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar, manejo, terapia e intervenção integrados. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gabel M. (org.). (1997). Crianças vítimas de abuso sexual. São Paulo: Summus.
- Ferrari DC. (2002). A Definição de abuso na infância e na adolescência. São Paulo: Agora.
- De Antoni C & Koller SH. (2002). Violência doméstica e comunitária. Adolescência e psicologia: Concepções, práticas e reflexões. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia.
- Azevedo EC. (2001). Atendimento psicanalítico a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. 21, 4. Brasília.
- Araújo MF. (2010). Violência e abuso sexual na família. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/%0D/pe/v7n2/v7n2a02.pdf>. Acesso em 08.março.
- Haas A. (2010). O abuso sexual cometido contra a criança e o adolescente: uma visão intrafamiliar. Disponível em www.abmo.org.br/textos, Acesso 08.março.
- Ministério Público. (2009). A Violência contra crianças & adolescentes. Volta Redonda.
- Wagner A & Falcke D. (2010). Comunicação em famílias com filhos adolescentes. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a08.pdf>. Acesso em 05 maio.
- Cordeiro FA. (2006). Aprendendo a prevenir: orientações para o combate ao abuso sexual contra crianças e adolescentes. Brasília. Promotoria de Justiça de Defesa da Infância e da Juventude.